



e-ISSN: 2447-8180

DOI: 10.19180/2447-8180.v6n2023p25-35

Submetido em: 4 jul. 2022

Aceito em: 29 dez. 2023

A utilização do Instagram na extensão escolar do ensino médio: a experiência do Projeto Empodere-se

The use of Instagram in high school extension: the experience of Project Empodere-se

Joselia Rita da Silva <https://orcid.org/0000-0003-4243-5435>

Doutoranda em Sociologia Política (UENF). Professora de Administração do Instituto Federal Fluminense Campus Itaperuna/RJ – Brasil. E-mail: joselia.silva@iff.edu.br.

Rafael Soares Salles

Mestrando em Sociologia Política da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF) – Campos dos Goytacazes/RJ – Brasil. E-mail: rafael.salles@gsuite.iff.edu.br.

Resumo

O Empodere-se foi um projeto de pesquisa e extensão com foco em estudantes do ensino médio que teve como objetivo investigar e partilhar saberes ligados à igualdade de gênero e ao empoderamento de meninas no ambiente escolar. Inicialmente as atividades de extensão previstas no projeto seriam desenvolvidas de forma presencial, todavia, em razão das medidas de isolamento impostas pela covid-19 foi necessária a adaptação ao formato remoto. Após análises, optamos por usar a rede social Instagram para a partilha dos saberes, uma vez que, em especial, a população mais jovem tem se utilizado cada vez mais desse ambiente virtual para se informar, pesquisar, se divertir, interagir. O presente relato discute essa experiência do uso da rede social Instagram no desenvolvimento do projeto Empodere-se, que, por meio de uma metodologia que contou com análise dos dados de uso e interação na página do projeto em conjunto com a técnica de grupo focal da equipe, nos permitiu compreender que a mencionada rede social pode ser uma ferramenta importante na extensão escolar e que, aliada a formatos já utilizados, pode permitir novas conquistas a projetos extensionistas educacionais.

Palavras-chave: Igualdade de gênero. Empoderamento feminino. Multimeios didáticos. Rede social Instagram. Extensão escolar remota.

Abstract

Empodere-se was a research and extension project focused on high school students that aimed to investigate and share knowledge related to gender equality and the empowerment of girls in the school environment. Initially, the extension activities provided for in the project would be carried out in person, however, due to the isolation measures imposed by COVID-19, adaptation to the remote format was necessary. After analysis, we chose to use the social network Instagram to share knowledge, since, in particular, the younger population has increasingly used this virtual environment to inform themselves, research, have fun, interact. The present report discusses this experience of using the social network Instagram in the development of the Empodere-se project, which, through a methodology that included analysis of usage and interaction data on the project page together with the focus group technique of team, allowed us to understand that the aforementioned social network can be an important tool in school extension and that, combined with formats already used, can allow new achievements to educational extension projects.

Keywords: Gender equality. Female empowerment. Didactic multimedia. Instagram social network. Remote school extension.

I Introdução

A extensão escolar, independentemente do nível de ensino a que se destina sempre nos impõe desafios: do planejamento à avaliação, por mais que tentemos prever, a interação em campo sempre nos conecta com o inesperado. Na missão de ampliarmos o saber para além dos muros escolares ou de fazer adentrar no espaço educacional aqueles que dele não fazem parte são muitos os métodos dos quais lançamos mão.

Em 2019, começamos um projeto de pesquisa e extensão com foco em alunos e alunas do ensino médio, cujo objetivo era investigar e partilhar saberes ligados ao empoderamento de meninas no ambiente escolar. Nosso intuito era intercalar a produção de conhecimento pela pesquisa acadêmica com sua aplicação prática nas atividades extensionistas, ampliando a mensagem da temática da igualdade de gênero para alcançar meninas e meninos além daqueles que faziam parte do nosso cotidiano na instituição de ensino.

Eis que fomos surpreendidos pela pandemia ocasionada pelo vírus Sars-CoV-2 e as consequentes medidas de distanciamento e isolamento sociais que impuseram novos desafios à educação; e, paralelamente, nesse cenário, as pessoas passaram a se utilizar mais das redes sociais como forma de manter o contato e a interação (OLIVEIRA et al., 2021). Inicialmente o planejamento do projeto em questão pressupunha o contato pessoal como elo entre o saber e a

comunidade extraescolar, todavia, em razão dos obstáculos impostos pela circunstância sanitária ao desenvolvimento das atividades da maneira planejada, tais como roda de conversa, mesa redonda, cine-debates, entre outras, optamos por sua adaptação ao formato remoto, assim promovendo a reflexão, o debate e o conhecimento pretendidos por meio da rede social Instagram.

Diante dessa nova forma de condução da extensão escolar proposta – o formato online – surgiu um novo prisma de análise. O presente relato tem como objetivo avaliar o uso da rede social Instagram como ferramenta de extensão escolar do Projeto Empodere-se, que teve como propósito produzir conteúdo educativo para jovens e adolescentes do ensino médio acerca da temática da igualdade de gênero e do empoderamento de meninas, expandindo tais conhecimentos para além do espaço escolar.

2 A questão de gênero do contexto da educação

Abordar a temática da (des)igualdade de gênero requer um mergulho na estrutura social e em seu impacto sobre as instituições que legitimam as posições para homens e mulheres em cada época. Nesta perspectiva, gênero pode ser definido como “um marcador socialmente constituído sobre essas diferenças (sexo biológico) e que contempla as construções sociais e históricas atribuídas ao corpo da/do bebê a partir do momento da descoberta do sexo” (BOTTON; STREY, 2018, p. 56). Tais demarcações, por sua vez, se acomodam no domínio patriarcal enraizado na sociedade brasileira, que tem conduzido a situações discriminatórias em relação a meninas e mulheres. Existem no país cerca de 30 milhões de meninas adolescentes (IBGE, 2012) que, em diferentes realidades, expressam a dimensão da importância de se olhar para suas situações, frente a uma sociedade machista e na qual as disparidades são ocasionadas também pelo gênero.

É possível observar que desde a infância os papéis atribuídos a meninas e meninos tendem a reforçar as posições desejadas, cultural e socialmente, para cada gênero. As meninas, em geral, têm sido mais responsabilizadas e sobrecarregadas pelo cuidado e tarefas domésticas, ao passo que os meninos são livres para se dedicarem aos estudos, esportes, lazer etc. (BOTTON; STREY, 2018). Em adição, estudos mostram que entre as adolescentes do gênero feminino 65% ocupam-se de tarefas domésticas e 81% são cobradas para arrumarem a própria cama, em contraste com 11% de meninos que são responsáveis pelas mesmas tarefas (SANTOS; SILVA; BARBIERI, 2014). As meninas ainda carregam a pressão emocional e a psicológica que lhes são impostas pelos padrões de beleza determinados pela mídia e sociedade, os quais, desde muito cedo, afetam a autoestima das adolescentes (BUENO; AZEVEDO, 2019).

“Assim, nesse cenário brasileiro, ser do sexo feminino significa conviver diariamente com essas e muitas outras cobranças desiguais e ensinamentos baseados em diferenças de gênero que constroem e reforçam um mundo binário” (BOTTON; STREY, 2018, p. 58). Em decorrência, refletir e educar meninos e meninas para a igualdade de gênero deve ser tarefa iniciada na

infância e adolescência, fases nas quais construímos muito de nossa visão de mundo e valores pessoais que carregaremos para a vida.

Dada a relevância e urgência da temática, a Agenda 2030, aprovada em 2015 na Organização das Nações Unidas, estabeleceu a Igualdade de Gênero como um entre seus dezessete Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável (ONU, 2015), levando os países signatários a pensarem em ações estratégicas visando ao fim da pobreza, à proteção ao meio ambiente e a garantir que as pessoas possam desfrutar de paz e de prosperidade. De igual maneira, o Gender Action Plan – GAP, instituído pelo UNICEF (United Nations International Children’s Emergency Fund), estabelece uma pauta global visando a alcançar a igualdade de gênero, priorizando ações na promoção da saúde do/da adolescente com enfoque em gênero; avanços no ensino secundário de meninas, redução da violência baseada em gênero e eliminação do casamento infantil (SANTOS; MORA; DEBIQUE, 2016, p. 45)

Não obstante a atenção dos organismos internacionais, as políticas para a promoção da igualdade de gênero, embora imprescindíveis, ainda são escassas e isoladas no Brasil, sendo dificultadas pela atuação de grupos conservadores, cujo entendimento da questão de gênero mostra-se equivocada. As ações desenvolvidas na educação, em sua maioria, são frutos da iniciativa de docentes com o apoio de movimentos feministas, abordando em geral as temáticas da emancipação e liderança feminina, o enfrentamento às relações abusivas e à violência contra as mulheres, o machismo enraizado na sociedade, entre outros temas (SANTOS; MORA; DEBIQUE, 2016).

Cumprir acrescentar a relevância de incluir os meninos nessas ações, as quais precisam abraçar o diálogo reflexivo e o questionamento das questões sociais evitando, de todas as formas, o acirramento das rivalidades entre os gêneros. Educar para a igualdade de gênero significa atuar, ao mesmo tempo, conscientizando os meninos e empoderando as meninas, no intuito de desenvolver estratégias em âmbito individual para o pensar e sentir, e coletivas para a ação social (BOTTON; STREY, 2018).

A escola, instituição responsável pela educação formal de gerações, na visão de Bourdieu e Passeron (1992), torna-se um espaço de reprodução de estruturas sociais, podendo atuar como reprodutora das práticas que definem e propagam as divisões sociais, incluindo as originadas em virtude do gênero, contribuindo para a perpetuação das diferenças entre estudantes. Ao reproduzir as relações pelo poder material e simbólico, o ambiente escolar conduz à incorporação das estruturas da ordem social sob a forma de esquemas inconscientes de percepção, apreciação e ação (BOURDIEU; PASSERON, 1992), o qual, em decorrência, pode se tornar um espaço que reforça as desigualdades em função do gênero e da reprodução das relações de submissão-dominação entre meninos e meninas (SANTOS; MORA; DEBIQUE, 2016). Logo, pensar na escola enquanto educadora de meninos e meninas para relações mais igualitárias entre os gêneros, diminuindo a polarização e facilitando o diálogo, é imprescindível à construção de uma prática pedagógica capaz de ressignificar os espaços e as marcações sociais (ROSSI, 2006; XAVIER-FILHA, 2009).

Ao constatarmos que os sistemas escolares têm conservado padrões culturais divisórios entre os gêneros, precisamos reconhecer o papel e a capacidade libertadora da educação e, nesse aspecto,

a pedagogia crítica para Hooks (2013), que compreende a educação como prática de liberdade e promotora do pensar crítico, muito pode contribuir para a alteração da discriminação de meninas em seu interior e na sociedade. Recorrendo às palavras do autor:

temos a oportunidade de trabalhar pela liberdade, exigir de nós e de nossas camaradas uma abertura da mente e do coração que nos permite encarar a realidade ao mesmo tempo em que, coletivamente, imaginemos esquemas para cruzar fronteiras, para transgredir. Isso é a educação como prática da liberdade (HOOKS, 2013, p. 273).

Enquanto prática social humanista e humanizadora, a educação na intervenção que lhe é inerente na questão de gênero prescinde de técnicos, professores e gestores que acreditem e coloquem em prática seu potencial revolucionário e transformador da sociedade para, assim, contribuir com a ruptura do círculo vicioso que reproduz a desigualdade de gênero.

3 Uma geração conectada

Em uma sociedade cada vez mais conectada à internet, as redes sociais ganham impulso para além de lazer, transformando-se em ferramenta econômica, educacional e social. Em especial, a população mais jovem, os chamados nativos digitais, têm utilizado ciberespaço, particularmente as redes sociais para se informar, pesquisar, se divertir, interagir. Dados coletados em 2019 pela pesquisa TIC Kids Online Brasil apontou que entre os adolescentes de 15 a 17 anos a conexão tornou-se uma regra: 20% declararam fazer uso frequente da internet antes dos 10 anos de idade, 77% afirmam saber mais de internet que os pais e 91% deles possui conta em redes sociais; na faixa etária dos 9 aos 17 anos, 76% pesquisaram na internet para realizar trabalhos escolares e 68% usaram as redes sociais (CGI.br, 2020). Um outro estudo demonstrou que 62,1% de alunos do ensino médio utilizam seus smartphones de maneira prioritária para acessar as redes sociais (OLIVEIRA, BRASILEIRO, 2020).

Com a chegada do Orkut ao Brasil em 2004, do Facebook em 2006 e do Twitter e Instagram em 2010, vimos emergir uma geração para qual a vida virtualizou-se em muitos sentidos: práticas comuns do cotidiano como pesquisar, ouvir música, conversar, se divertir, se relacionar etc. podem e, em muitos casos, são feitas online. As redes sociais, por sua ubiquidade, modificaram a forma e as características da comunicação entre os jovens ampliando significativamente a relação com o saber e o aprender, facilitando trocas e expondo possibilidades.

Nesse contexto é pertinente a seguinte reflexão: como a escola tem lidado com essas transformações observadas entre os estudantes? Krawczyk (2014) considera haver um descompasso entre as práticas da educação formal e a realidade dos jovens e adolescentes. Segundo a autora, o descompasso do ensino médio brasileiro teve início no processo de industrialização tardia vivido

por aqui e, desde então, essa etapa da educação parece estar atrasada em relação à realidade tanto de seu público-alvo quanto das demandas da produção econômica e do mundo do trabalho. Mais recentemente, a chegada das tecnologias da comunicação e informação (TICs) aprofundou esse desajuste já existente ao distanciar o formato do ensinar da forma de comunicação e do modo de aprender dos adolescentes e jovens, para os quais o método engessado e linear da escola faz pouco sentido, podendo inclusive contribuir para o desinteresse de meninos e meninas pela aprendizagem escolar (TIRAMONTI, 2014; KRAWCZYK, 2014).

Todavia, apesar desses desafios, a escola constitui-se um espaço fundamental de interlocução e mediação da vida cultural dos jovens; um lugar que se destina a promover encontros de saberes, pensares e fazeres, ampliando sempre o olhar das novas gerações sobre as questões colocadas em nosso tempo, o que impõe às redes de ensino e aos educadores o desafio de tornarem-se compatíveis com a forma de comunicação e acesso à informação da atual geração de jovens (TIRAMONTI, 2014). Moran (2013) entende que as TICs, enquanto ferramentas pedagógicas do processo de ensino-aprendizagem, podem permitir novos desenvolvimentos de cognição e raciocínio se sua utilização vier acompanhada de um bom planejamento que assegure toda a sua potencialidade de conexão, ubiquidade e expansão. Reconhecendo, todavia, seus limites, certamente podem ser de grande proficuidade para educação.

Pensando nesses desafios e ao mesmo tempo nessas possibilidades é que nos lançamos na experiência de utilizar a rede social Instagram como forma de levar a extensão escolar a meninos e meninas do ensino médio. Sua escolha deu-se pelo fato de que um número expressivo de jovens na faixa etária alvo do projeto faz uso dessa rede social (OLIVEIRA et al., 2021).

4 A experiência da extensão pelo Instagram

Quando falamos em conectividade intermediada por redes sociais é importante pensarmos na Interface Gráfica do Usuário disponibilizada pelo aplicativo, uma vez que é ela quem garantirá a interação e interatividade entre os usuários. O Instagram é uma rede social de fácil utilização e navegação ao mesmo tempo que oferece diversas possibilidades de interação entre seus usuários.

O perfil no Instagram para a realização da extensão do projeto, criado em setembro de 2020, foi organizado e mantido pela coordenação do projeto em conjunto com alunas de iniciação científica a ele vinculadas. Esse foi um fator interessante em termos de aprendizagem, uma vez que as mencionadas bolsistas, na condição de adolescentes, contribuíram de maneira significativa em termos de linguagem visual e escrita, intermediando um processo de troca pelo qual divulgavam informações sobre as questões de gênero e, como retorno, recebiam manifestações dos usuários alcançados pelo perfil no Instagram.

Para a mensuração da proposta foi empregada a técnica da observação e análise de feedback dos seguidores da página, bem como a contagem do engajamento (curtidas, compartilhamentos e

comentários). As próprias ferramentas do Instagram permitiram esse monitoramento da aceitação e evolução da página, uma vez que, sendo uma conta com “perfil profissional”, conseguimos obter informações mais detalhadas sobre número de visualizações, curtidas, comentários e alcance das publicações, tanto em timeline quanto em stories e enquetes. Tais dados foram coletados no período de setembro de 2020 a agosto de 2021.

Também foi realizada uma avaliação qualitativa da experiência da extensão via Instagram pela equipe responsável pelo projeto, coordenadores e bolsistas, com o emprego da técnica de grupo focal (TRAD, 2009) com o objetivo de discutir o uso do Instagram na extensão escolar, a partir da experiência de cada um dos envolvidos. As discussões em grupo ocorreram em três momentos: dezembro de 2020, maio de 2021 e julho de 2021. O grupo focal envolveu questões como: dificuldade com a seleção e organização dos materiais, estratégias de envolvimento e ampliação do alcance da página, conteúdos mais atrativos, possibilidades de inovação do conteúdo e da experiência da extensão.

4.1 As ferramentas mais utilizadas

Entendemos, desde o planejamento, a necessidade de abandonarmos os textos longos: nossos seguidores se prendiam mais à imagem, ao som e às legendas curtas. Focamos então em estimular a interação: responder a enquetes e testes, voltar para verificar seus resultados, opinar sobre os próximos conteúdos a serem postados etc. Também percebemos que ferramentas como quiz, stories interativos, vídeos em reels possuíam mais adesão que outras como banners informativos, textos e links. Concluímos que as ferramentas síncronas, ou seja, as que requerem interação, geravam mais engajamento que as assíncronas, tais como conteúdo informativo, o que nos fez optar preferencialmente por aquelas.

O trabalho da extensão, por meio da página, foi então direcionado a estimular o debate e a interação por meio de uma questão proposta à qual seguia-se uma explicação postada. As informações divulgadas estavam relacionadas a direitos femininos, igualdade de gênero, estatísticas de violência, combate à discriminação, relações abusivas.

Despertou particular atenção uma enquete acerca de discriminação por gênero no ambiente escolar, a qual teve considerável adesão de meninas relatando situações em que o ser aluna as colocou em desvantagem.

Quanto aos conteúdos postados, os que apresentaram maior engajamento foram dicas de livros, filmes e séries sobre a temática da igualdade de gênero, seguidos por fatos históricos da luta feminista no Brasil por direitos.

4.2 Perfil de usuário

O público alcançado pela página foi em sua maioria composto por mulheres adolescentes, seguido de profissionais da educação. Embora o projeto, inicialmente, tivesse como foco o ensino médio, observou-se que outras etapas de ensino e grupos etários também se interessaram pela temática.

A participação masculina entre os seguidores foi mais tímida em número de comentários e compartilhamentos, o que nos leva a perceber o quanto a temática da igualdade de gênero ainda recebe mais atenção das meninas, todavia reforçamos a importância de discutir tais temáticas com os meninos, contribuindo para o despertar destes em relação à urgência de se construírem relações mais igualitárias.

Uma conquista que consideramos preciosa mesmo não tendo sido planejada pela equipe de extensão foi a oportunidade de intercâmbio de informações e parcerias com outras páginas de projetos de temática correlata. Os algoritmos do próprio Instagram nos conectaram com pessoas que executam projetos semelhantes, o que oportunizou troca de experiência, saberes e conhecimentos, sendo de grande utilidade para o aperfeiçoamento do nosso projeto.

5 Considerações finais

Visando contribuir com outros extensionistas que querem fazer uso das redes sociais em seus projetos, esse relato buscou compartilhar a experiência alcançada com a utilização do Instagram em projeto que discutiu a temática da igualdade de gênero com discentes do ensino médio.

Observamos que uma rede social se constitui ambiente no qual interesses, interações e aprendizagens são compartilhados podendo ser uma importante ferramenta no processo de troca de saberes que a extensão escolar almeja, ao potencializar seu alcance em razão da ubiquidade que lhe é inerente.

Convém ressaltar que as redes sociais, assim como as TICs em geral, de maneira alguma substituem o trabalho docente e os métodos de extensão já consagrados: acreditamos que a educação sempre carece do olhar, do sentir, do tocar, uma vez que é no encontro com o outro que nos construímos enquanto seres humanos. Todavia, advogamos que o uso conjunto das redes sociais, forma de comunicação tão usada por jovens e adolescentes no Brasil, com as formas tradicionais de a extensão levar conhecimento para além dos muros escolares parece-nos oportuno e profícuo.

Por fim, não nos restou dúvida que a temática da igualdade de gênero abordada nesse projeto se beneficiou de maneira significativa do uso de uma rede social. O Instagram permitiu que conteúdos propostos alcançassem o destinatário pretendido, os estudantes de ensino médio, e foi além: possibilitou a colaboração entre projetos assemelhados e atingiu grupos etários e etapas da educação que transcendem o ensino médio.

Esperamos, com esse relato, encorajar outros colegas educadores a rejuvenescerem suas práticas extensionistas, sempre que possível, dando uma oportunidade às redes sociais como ferramenta adicional, mesmo após esse momento de imposição ao remoto, para se comunicarem com essa geração tão conectada.

Referências

BOTTON, A.; STREY, M. N. Educar para o empoderamento de meninas: apostas na infância para promover a igualdade de gênero. **Inclusão Social**, Brasília, DF, v. 11, n. 2, p. 54-66, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://revista.ibict.br/inclusao/article/view/4109>. Acesso em: 13 mar. 2023.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. **A Reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Trad. C. Perdigão Gomes da Silva. Lisboa: Ed. Vega, 1992.

BRASIL. Comitê Gestor da Internet no – CGI.br. **TIC Kids Online Brasil 2020**. Disponível em: https://cetic.br/media/analises/tic_kids_online_brasil_2019_coletiva_imprensa.pdf. Acesso em: 14 jun. 2022.

BUENO, B. L. S.; AZEVEDO, H. H. D. Empoderamento feminino: trabalhando a autoestima na escola. **RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, v. 5, n. esp., 2019. DOI: <https://doi.org/10.23899/relacult.v5i4.1348>. Disponível em: <https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/1348>. Acesso em: 13 mar. 2023.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010**. Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf. Acesso em: fev. 2022.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2013.

KRAWCZYK, N. Conhecimento crítico e política educacional: um diálogo difícil, mas necessário. In: KRAWCZYK, N. (org.). **Sociologia do Ensino Médio**: crítica ao economicismo na política educacional. São Paulo: CORTEZ, 2014. p. 13-32.

MORAN, J. M. Ensino e aprendizagem inovadores com apoio de novas tecnologias. In: MORAN, J. M.; BEHRENS, M. A.; MASETTO, M. T. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2013.

OLIVEIRA, P. P. M. et al. Utilização pedagógica da rede social Instagram. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, Ano 06, Ed. 02, Vol. 13. DOI: <https://doi.org/10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/educacao/utilizacao-pedagogica>. Disponível em <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/utilizacao-pedagogica>. Acesso em: 16 abr. 2022.

OLIVEIRA, P. P. M.; BRASILEIRO, B. G. O smartphone como recurso para estudos no ensino médio integrado: um estudo de caso. In: CONGRESSO BRASILEIRO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA, 1., 2020, Diamantina (MG). **Anais [...]**. Diamantina: Even3, 2020. Área temática: CHUM - Ciências Humanas. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/icobicet2020/266800-o-smartphone-como-recurso-para-estudos-no-ensino-medio-integrado--um-estudo-de-caso/> Acesso em: 10 jun. 2022.

ONU. Organização das Nações Unidas. **Transformando Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável**. 2015. Disponível em: <https://brasil.un.org/sites/default/files/2020-09/agenda2030-pt-br.pdf>. Acesso em 14 jun. 2022.

ROSSI, R. C. As gurias do Sul: representações das jovens gaúchas em artefatos culturais midiáticos impressos. **Olhar de professor**, v. 9, n. 1, p. 119-130, 2006. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/1456>. Acesso em: 5 fev. 2022.

SANTOS, B. R.; MORA, G. G.; DEBIQUE, F. A. (coord.). **Empoderamento de meninas: como iniciativas brasileiras estão ajudando a garantir a igualdade de gênero** – Caderno de Boas Práticas. UNICEF – Brasília: INDICA, 2016.

SANTOS, B. R.; SILVA, O. F.; BARBIERI, P. **Por ser menina: Percepções, Expectativas, Discriminações, Barreiras, Violências baseadas em Gênero e Habilidades para a vida das meninas de 6 a 14 anos nas cinco regiões do Brasil**. Plan International Brasil. Brasília: maio/2014.

TIRAMONTI, G. A escola moderna: restrições e potencialidades frente às exigências da contemporaneidade. In: KRAWCZYK, N. (org.). **Sociologia do Ensino Médio: crítica ao economicismo na política educacional**. São Paulo: Cortez, 2014. p. 185-206.

TRAD, L. A. B. Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 777-796, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312009000300013>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/gGZ7wXtGXqDHNCHv7gm3srw/?lang=pt> Acesso em: 14 fev. 2022.

XAVIER-FILHA, C. Sexualidade(s) e gênero(s) em artefatos culturais para a infância: práticas discursivas e construção de identidades. In: XAVIER-FILHA, C. (org.). **Educação para a sexualidade, para a equidade de gênero e para a diversidade sexual**. Campo Grande: Editora UFMS, 2009.